

Remapeando musicares: Bois em São Luís (MA) e localidades digitais frente à pandemia

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Etnomusicologia

Luiza Fernandes Coelho
Unicamp – luizafc00@gmail.com

Resumo. Esta comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa que busca entender como grupos de bumba meu boi compreendem, constroem e vivenciam os diversos espaços da cidade de São Luís a partir de seus musicares (Small, 1999). Em razão da pandemia do COVID-19, o ambiente virtual vem se configurando como localidade de realização de atividades e ferramentas metodológicas como o uso de dados netnográficos (KOZINETS, 2014) e de depoimentos (REILY & PATSIAOURA) vêm ganhando centralidade na pesquisa, ao lado do pensamento etnográfico. A comunicação contribui em discussões sobre como realizar pesquisas sobre manifestações coletivas e tradicionais neste momento.

Palavras-chave. Nordeste. Espaço urbano. Netnografia. Sonoridades. Cultura Popular.

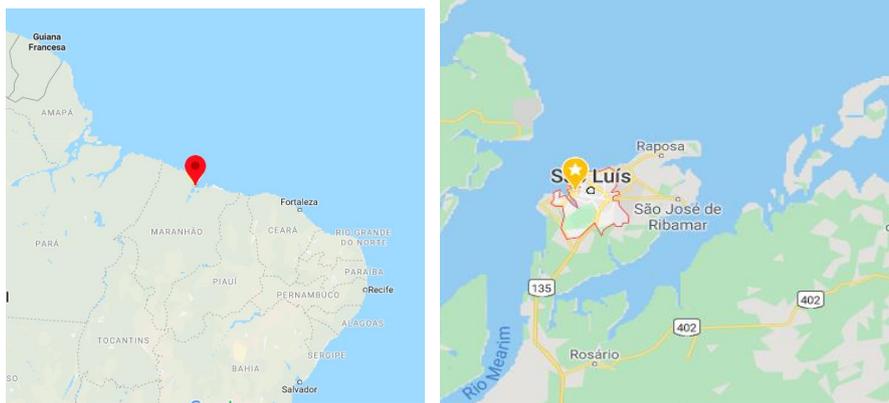
Musicking-Mapping: Bois da Baixada and its Localities in São Luís, Brazil

Abstract. This communication presents partial results of the research that aims to understand how groups of bumba meu boi understand, construct and experience the different spaces of the city of São Luís from their musicking (Small, 1999). Due to the pandemic of COVID-19, the virtual environment has been configured as a space of activities and methodological tools such as the use of netnographic data (KOZINETS, 2014) and testimonies (REILY & PATSIAOURA) are becoming central in research, alongside with ethnography. The communication contributes to discussions on how to conduct research on collective and traditional cultural movements in a pandemic situation.

Keywords. Northeast Brazil. Urban Space. Netnography. Sound. Folklore.

1. Introdução (tamanho 12 negrito, espaçamento 1,5 justificado, recuo 2 cm)

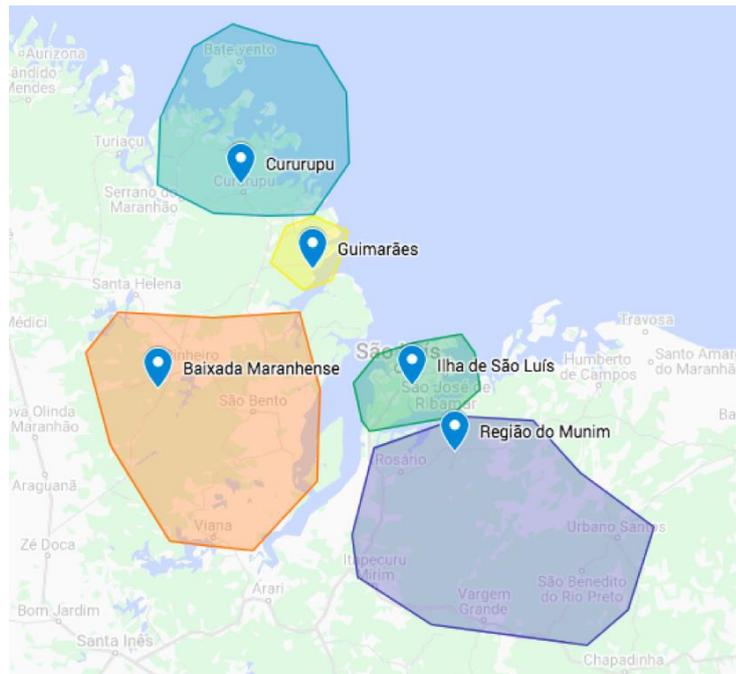
Em São Luís, capital do Maranhão, o mês de junho é marcado por festividades que tomam toda a cidade, onde são centrais os grupos de bumba meu boi. Eles e toda a sua atmosfera formam um complexo sócio-turístico-cultural registrado como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Iphan (2011) e Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco (2019). Estes grupos constituem um conjunto de características em suas expressões artísticas, estéticas, simbólicas e “surgem por diferentes motivos e em diversos lugares e, conseqüentemente, com atributos peculiares a cada região de ocorrência, mas com qualidades que os individualizam e dão vivacidade ao universo da festa” (IPHAN, 2011:100).



Exemplos 1 e 2: Mapa – Maranhão e São Luís

O bumba meu boi pode ser pensado como uma dança dramática, porque seu universo performático tem como elementos de grande relevância além da música, auto e dança (ANDRADE, 1982). Há uma variedade de estilos para celebrar a brincadeira, sendo essa uma particularidade do Bumba Boi maranhense. No Maranhão, “sotaque”¹ é o termo utilizado para se referir a estilos de brincar o bumba meu boi; marca as diferenças sonoras e performáticas entre os grupos, que se distinguem, especialmente, quanto à instrumentação, personagens, tipo de dança e roupas envolvidos na brincadeira. Costuma-se dizer que existem cinco sotaques, ou maneiras de fazer a brincadeira do bumba meu boi no Maranhão; são eles: Matraca (ou Ilha), Pindaré (ou da Baixada), Orquestra, Zabumba (ou Guimarães) e Costa de Mão (ou de Cururupu)².

Os nomes dos sotaques indicam características sonoras e/ou regiões do estado. Os primeiros registros fotográficos do Sotaque de Zabumba, por exemplo, aconteceram na cidade de Guimarães, na costa noroeste do Maranhão. O sotaque de Costa de Mão ou Cururupu faz referência a grupos encontrados também na costa noroeste do Maranhão, na cidade de Cururupu. O sotaque de matraca (ou ilha) refere-se a grupos encontrados na Ilha de São Luís. Já o sotaque de Orquestra tem como grupos mais antigos registrados àqueles oriundos da região do Munim, localizado a sudeste da capital maranhense e compreende municípios como Rosário, Axixá e Icatu. Ambos os nomes referentes ao Sotaque da Baixada ou Pindaré fazem referências a localidades do estado. “Baixada” refere-se a região da Baixada Ocidental maranhense, sendo Pindaré-Mirim um dos municípios dessa região, localizada a sudoeste do estado.



Exemplo 3: Regiões e sotaques de bumba meu boi

2. Título de seção (12 negrito, 1,5 justificado, recuo 2 cm)

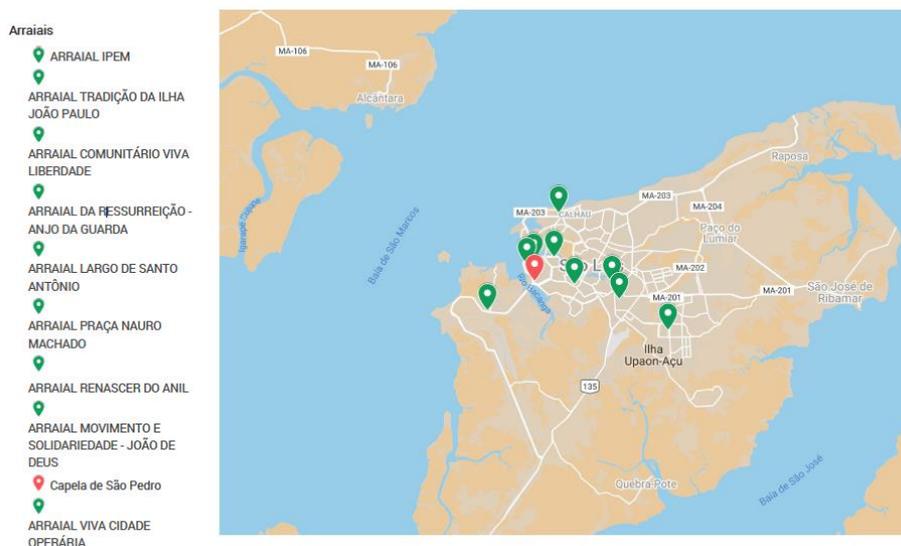
As diferenças sonoras marcam nitidamente a divisão entre os sotaques e, por isso, é necessário comentar sobre as principais convergências e diferenças de um sotaque para outro, visto que este trabalho possui como foco o universo sonoro do bumba-meu-boi. Um elemento unificador é o uso de polimetria, polirritmia e um pulso predominantemente binário envolve um 2 contra 3. Outra característica marcante é a complementaridade dos instrumentos, que estabelecem um diálogo musical, tocando um em reposta ao outro e não em uníssonos (Amaral, 2018:41).

Com relação às diferenças de instrumentação, nos Bois de Matraca, os instrumentos que identificam o gênero são: pandeirões, matracas, tambores-onça e maracá. Como sugere o nome do estilo, no Sotaque de Zabumba, este instrumento é o que marca sua sonoridade, junto com pandeiritos e pequenos maracás. As zabumbas são grandes, com membranas de couro, e são tocadas com baquetas grossas. Já os pandeiritos são pequenos (com cerca de 20cm de diâmetro), são tocados com as mãos e produzem os sons agudos do grupo. Os instrumentos mais observados no sotaque de Costa de Mão são pandeiros, maracá e tambor onça. No sotaque de orquestra, observamos a presença de instrumentos como zabumba, tamborim, do tambor-onça, maracá, matraca, apito, sopros (como trombone, trompete e sax) e instrumentos de corda, como o banjo tenor e violão. A instrumentação do Sotaque da Baixada assemelha-se a do Sotaque de Matraca: matracas, pandeirões e tambor-

onça. Por vezes há o maracá e exclusivo desse sotaque é o badalo, também chamado de chocalho, um sino que é tocado pelos cazumbas enquanto dançam. Há também, por vezes, a presença de um instrumento similar a uma flauta pan, que é chamada de gaita (AMARAL, 2018).

É importante ressaltar que a brincadeira contou com períodos de proibições e restrições de onde podiam acontecer. Até meados do século XX os grupos não podiam se apresentar no centro da cidade, conforme indicam diversas pesquisas³, informações colhidas de mestres como Euclides Talabyan, babalorixá da Casa Fanti Ashanti⁴, bem como a existência de leis⁵ que até meados do século XX restringiam a circulação desses grupos em localidades como o centro da cidade, pode-se constatar que essa manifestação era permitida em alguns e em outros, não. Isso mostra que o fazer musical e performático desses grupos está ligado ao espaço urbano em que se inserem.

Durante, especialmente o mês de junho, os grupos de bumba meu boi se apresentam em arraiais, espalhados em diversos lugares da cidade. Os arraiais possuem intenso investimento do setor público. Isso determinou o estabelecimento de um circuito oficial que seleciona grupos via inscrição em edital e fornece pagamento de cachês por apresentação. No ano de 2019, este circuito contou com mais de 400 atrações, incluindo grupos de bumba meu boi, danças regionais como cacuriá, tambor de crioula e dança do lelê, grupos alternativos, shows de bandas atuantes na cena local e artistas de relevância nacional⁶.



Exemplo 4: Mapa - Arraiais Circuito Oficial São João 2019 e Capela de São Pedro

O mapa acima mostra a localização na cidade dos arraiais patrocinados oficialmente pelo Governo do Estado e pela Prefeitura de São Luís e da Capela de São Pedro, local em que diversos grupos prestam devoção a este santo na igreja localizada no Bairro da Madreus. É importante ressaltar que a quantidade é infinitamente maior, visto que há festas juninas produzidas de maneira independente, bem como por outras organizações. Assim, diversos públicos e grupos de bumba meu boi vão em direção a esses espaços que, por dias, recebem muitos encontros. Alguns espectadores ficam em um certo arraial a noite inteira para ver amigos, comer comidas típicas da época e acompanhar a programação da noite, que conta com apresentações de grupos de Boi de variados sotaques. Outras pessoas vão junto com algum Boi, acompanhando suas apresentações na cidade, visto que um Boi pode ter diversas apresentações em apenas um dia.

Apesar de junho ser o mês consagrado da presença do bumba meu boi em São Luís, quando há apresentações por toda a cidade, o ciclo da festa é maior que este período, havendo atividades em diferentes momentos do ano, sendo de grande importância levar em consideração o período preparatório, que inclui recrutamento de pessoas, ensaios dos grupos de Boi, o ritual da morte e também “o chamado funcionamento extra-época, que extrapola o período peculiar à brincadeira, pois ocorre em qualquer mês do ano, por exigência turística” (CARVALHO, 1982:48). Por isso, é necessário entender os diversos momentos do ciclo junino⁷ para pensar sobre seu musicar, termo criado por Christopher Small (1999) para definir diversas maneiras de engajamentos ligados à produção e vivência de música — o que envolve ações como assistir a uma apresentação, preparar-se para ela, ensaiar, ouvir música, pensar sobre ela, entre outras. Essas movimentações e fluxos de pessoas, sons, instrumentos, figurinos, geram relações e configurações na cidade que não existiriam se não houvesse o São João. No restante do ano, os deslocamentos são outros, assim como a dinâmica da cidade tende a ser⁸.

2. Localidades Juninas e Metodologia

Ao olhar a vivência de seres humanos na cidade, Michel De Certeau (1980) mostra como o percurso de espaços é algo cotidiano e como todo relato é um relato de viagem, uma prática de espaço, já que todos os lugares estão interligados, de maneiras mais ou menos firmes, em diferentes arranjos (CERTEAU, 1998:200). Refletindo sobre isso, o autor estabelece uma distinção entre espaço e lugar, sendo o lugar “a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”, sendo uma configuração estável de posições. Já o espaço é formado por um “conjunto de movimentos que se desdobram”, não é fixo geograficamente, mas um lugar praticado. Um exemplo fornecido é o da rua, que é transformada em espaço pelos pedestres. Proponho que estas performances e deslocamentos criam uma “estrutura de sentimentos” (WILLIAMS, 1977) que só existem nesse período. A performance e sua preparação criam uma conjuntura coletiva, que afeta os contextos individuais das pessoas; o que pode alterar ou reforçar hierarquias sociais e, sem dúvida, altera a dinâmica de interação dos seres humanos entre si e com os locais que circulam. A performance musical está imbricada no contexto; por isso, essas apresentações não são estáticas, mas dinâmicas, variam conforme as situações.

Em função da pandemia do COVID-19, observa-se em 2020 um cenário novo no universo do bumba meu boi: a impossibilidade de acontecer como sempre ocorreu, com fazeres musicais, performáticos e participativos em praças, ruas e festas coletivas - aglomerações por natureza. Não houve São João do jeito tradicional, assim outras festividades coletivas no mundo.

Em 32 anos, eu nunca fiquei sem dançar São João, desde a barriga da minha mãe. Por nenhum motivo. Nem por morte, nem por doença. Minha mãe dançou comigo na barriga até os 9 meses. Então toda a minha existência foi dançando no Boi, no São João. Não sei o que é a cidade sem São João. Não tenho a menor ideia. Estou descobrindo agora. [Talyene Melônio. Índia e Vice-presidente do Boi da Floresta. Informação Oral]

Para contornar a situação trazida pela adversidade do momento, observou-se a transposição de um universo físico para o virtual, uma nova maneira de produzir e vivenciar o bumba meu boi e sua música. Uma saída encontrada por alguns grupos foi intensificar sua presença em atividades online, em especial nas redes sociais como Instagram, Facebook e Youtube. Desta maneira, delineou-se, ao longo de 2020 uma nova localidade junina — a online, com diferentes dinâmicas e que agora também faz parte do musicar do bumba meu boi.

Para entender a nova localidade delineada, vem-se utilizando ferramentas propostas pela netnografia, “uma pesquisa observacional-participante baseada em trabalho de campo online. Ele usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunitário” (KOZINETTS, 2014:60). Entrevistas semiestruturadas ou diálogos abertos vem se tornando centrais junto aos métodos anteriormente aplicados para elucidar eventuais dúvidas, bem como para acionar memórias dos integrantes dos grupos com relação à sua prática sonora e performática na cidade. A ideia é que assemelhem a uma conversa informal (REILY e PATSIAOURA, 2019:22), onde o entrevistado também influencia a direção da conversa, o que pode trazer respostas imprevisíveis e, inclusive, novas camadas de informação

3. Lives juninas - novo fazer musical na pandemia

O Boi da Floresta de Mestre Apolônio foi um dos grupos observados na pesquisa com intensa presença online, realizando entre os meses de março e agosto, cerca de vinte e sete atividades, entre lives, oficinas e participações em lives de outros grupos. O maior fluxo de atividades online se deu no período entre final de maio e final de julho — mesmo período em que presencialmente acontece é ápice do ciclo junino. Em entrevista, Talyene Melônio, coordenadora da tribo, índia, vice-presidente e responsável pelas redes sociais do grupo, caracterizou o momento como a “onda virtual” do Boi da Floresta, que “tá ligado as redes sociais, tentando manter o nosso lema tradição e modernidade” [Fonte: Informação oral].

Duas das principais adaptações para conseguir realizar atividades diretamente relacionadas ao universo ritualístico e performático do bumba meu boi durante o momento da pandemia foram: trazer um número mínimo de pessoas para a realização das diferentes atividades, alteração na duração dos eventos e realização de atividades no estilo bate-papo, envolvendo apenas lideranças do grupo. Vale ressaltar que mesmo com a adaptação para os suportes online, o grupo manteve diversas tradições necessárias ao ritual. Nas lives que foram realizadas antes do sábado de aleluia, por exemplo, não houve a presença dos pandeirões, pois, pela tradição, não se pode bater tambores durante a quaresma, o que foi ressaltado na fala de Talyene Melônio durante estas lives (período entre o carnaval e o sábado de aleluia). Assim as toadas foram executadas com canto, matracas e sino, tocadas pelas próprias lideranças e com um cantador. Sendo assim, essas lives variavam entre uma e três pessoas. Em apresentações em períodos “normais”, o grupo utiliza somente pandeirões de couro em

suas apresentações (em outros grupos do mesmo estilo, é frequente ver esses instrumentos feitos do material nylon), o que requer a confecção de uma fogueira, o que se repetiu nas lives. No universo virtual, as pausas para aquecer o instrumento deram lugar a conversas entre Nadir Cruz (presidente do Boi da Floresta e índia) e/ou Talyene Melônio com os seguidores nas redes sociais ou entrevistadores — a depender de quem estava realizando a live. Com relação a formatos, observou-se a participação do grupo em atividades online que foram divididas da seguinte maneira com o objetivo de observar características específicas de cada formato: bate-papos, webfestival, live show, oficina, arraias online e lives de ritual de batizado.

Bate-papo: Realização de lives no Instagram no formato de conversa/entrevista entre o canal do boi e outros canais;

Webfestival: Festivais online, envolvendo grupos de diferentes estilos musicais — não apenas tradicionais relacionados ao São João;

Live-show: Live priorizado a parte performática do bumba meu boi;

Arraias online: Lives envolvendo manifestações que são tradicionais do período do São João;

Live de ritual de batizado: Momento ritual, realizado ritualmente no dia 23 de junho

Oficina: ensinamento de alguma atividade do grupo

As principais datas do ritual não passaram em branco. No sábado de aleluia, dia 4 de abril, houve uma pequena reza na sede, a portas fechadas e sem transmissão. Já o momento do batizado foi celebrado no dia 23 de junho com uma live no Instagram do grupo, onde aconteceu a ladainha, houve a presença de um personagem de cada tipo (índia, cacique, boi, cazumba, marcação, merengue, repinique e tambor onça) e dois cantadores e um instrumentista por instrumento (marcação, merengue, repinique e tambor onça), e os cantadores cantaram as toadas tradicionais do momento do ritual. A produção foi realizada pelo grupo, em conjunto com equipe, de maneira independente. A cerimônia, ao todo, durou cerca de três horas. Normalmente, acontece a noite inteira e o grupo realiza cortejo pelas ruas do bairro da Liberdade, o que não aconteceu.

É importante ressaltar que boa parte das atividades online realizada pelo Boi da Floresta, bem como de outros grupos foi realizada de maneira independente. Ou seja, não houve iniciativa organizada, encabeçada pelo setor público, que substituísse o sistema de

credenciamento via edital e pagamento de apresentações, o que significa que os grupos não receberam verba para realização destas atividades virtuais.

4. Considerações finais

Em função da pandemia do COVID-19, observa-se um cenário novo no universo do bumba meu boi: a impossibilidade de acontecer como sempre ocorreu. No mês de maio, a cidade de São Luís atingiu a capacidade limite de abrigar pessoas nos hospitais da cidade. Esta realidade trouxe grandes mudanças para a maior festividade do calendário maranhense, que pela primeira vez se deu sem festas coletivas, os arraiais. Somado a isso, observa-se também novas atividades de alguns grupos de bumba meu boi, como, por exemplo, intensa presença online. Dado o cenário presente, novas orientações metodológicas foram incluídas na pesquisa, como netnografia, entrevistas, uso da memória e depoimentos. Vale ressaltar que o Boi da Floresta de Mestre Apolônio, grupo acompanhado, têm realizado e se envolvido em atividades no combate ao coronavírus, o que significa que estão contribuindo em suas localidades no combate à pandemia.

Referências

- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. *O "urrou" do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão*. Campinas, 2004. [326]. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira Albernaz. Performance musical nos maracatus (PE) e nos bumba bois (MA): classificações de gênero, poder, artefatos e habilidades. *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, v. 2, p. 29-50, 2019.
- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba meu boi do Maranhão. *Maguaré*, n. 24, p. 69-98, 2010.
- AMARAL, Renata Pompêo do. *A música do bumba boi do Maranhão e suas possibilidades de performance no Contrabaixo*. Dissertação (Mestrado em Performance). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2018
- ARAÚJO, Maria do Socorro. *Tu contas! Eu conto*. São Luís: SIOGE (1986).
- ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, v. 1, p. 07-383, 1982.
- BARROS, Antônio Evaldo Almeida. *O pantheon encantado: culturas e heranças étnicas na formação de identidade maranhense*. Universidade Federal da Bahia, 2007.
- BARROS, Antonio Evaldo Almeida. Usos e abusos do encontro festivo: Identidades, Diferenças e Desigualdades no Maranhão dos Bumbas (c. 1900-50). *Outros Tempos–Pesquisa em Foco- História*, v. 6, n. 8, 2009.

- BARROS, Ana Déborah Pereira de et al. *Linguagens artísticas do bumba meu boi no currículo do ensino médio no Maranhão: Uma experiência no Centro de Ensino Manoel Beckman*. Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2018.
- BORRALHO, Tácito Freire. *O teatro do boi do Maranhão: brincadeira, ritual, enredos, gestos e movimentos*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BUENO, André C. Paula. Cantos de máscaras no nordeste brasileiro e na África Central e do Oeste: pistas para uma análise comparativa. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 20:381-391, 2010
- BUENO, André Paula, *Bumba-boi maranhense em São Paulo: São Paulo*. Nanquim Editorial, 2001.
- CARDOSO, Letícia Conceição Martins. De marginal a oficial: a fabricação do bumba meu boi como símbolo de identidade do Estado do Maranhão. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 10, n. 19, p. 27-43, 2012.
- CANO, Maria da Conceição Salazar. *O bumba meu boi como zona de contacto: trajetórias e ressignificação do património cultural*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2019.
- CARVALHO, Daniel Cunha de Carvalho. *Aqui meu boi vai urrar! Uma leitura espacial do bumba meu boi na cidade de São Luís*. Universidade Federal Fluminense, 2009.
- CARVALHO, Maria Michol Pinho de. *Matracas que desafiam o tempo: é o bumba meu boi do Maranhão*. São Luis. [sn], 1995.
- CERQUEIRA, Daniel Lemos. Bumba meu boi do Maranhão: uma releitura de seus primeiros registros sonoros. *Revista NUPEART*, v. 16, n. 16, p. 81-98, 2016.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.
- DE CARVALHO, Luciana Gonçalves. *A graça de contar Um Pai Francisco no bumba meu boy do Maranhão*. Aeoroplano, 2011.
- IPHAN. *Inventário Nacional de Referências Culturais: Complexo Cultural do bumba meu boi do Maranhão: Dossiê do Registro*. São Luís, Maranhão, 2011.
- FERRETTI, Sergio. *Boi de encantado na mina do Maranhão*, Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, 5, s/p, 1996.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora, 2014.
- MARANHÃO. *Memória de Velhos: depoimentos: Uma Contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense Vol. V*. São Luis: Lithograf, 1999.
- MARANHÃO. *Memória de Velhos: depoimentos: Uma Contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense Vol. VI*. São Luis: Lithograf, 1999.
- MARANHÃO. *Memória de Velhos: depoimentos: Uma Contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense Vol. VII*. São Luis: Lithograf, 1999.
- NETO, Américo Azevedo. *Bumba meu boi no Maranhão*. Alumar, 1997.
- MARTINS, Carolina, *Política e Cultura nas histórias do bumba meu boi*. Niterói, Rio de Janeiro. [160]. Dissertação (Mestrado em História). Instituto em Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PADILHA, AFS. *A construção ilusória da realidade, ressignificação e recontextualização do bumba meu boi do Maranhão a partir da Música*. Diss. Tese (Doutorado em Etnomusicologia). [231]. Departamento de Comunicação, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2014.

REILY, Suzel Ana; PATSIAOURA, Evanthia. Ethnomusicology. In: *The Sage Encyclopedia of Research Methods*, ATKINSON, Paul. A., DELAMONT, Sara, HARDY, Melissa A., and WILLIAMS, Malcom (orgs.), New York: Sage [no prelo].

REILY, Suzel Ana. *A música e a prática da memória—uma abordagem etnomusicológica*. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3cHAERK>

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

Notas

¹ Esse termo é utilizado amplamente: entre os participantes da brincadeira de bumba meu boi, pela imprensa em parte considerável da bibliografia acadêmica, por intelectuais e analistas locais e por isto a defino como uma convenção. Da bibliografia consultada, apenas Azevedo Neto (1983) propõe outra classificação e, mesmo assim, cita a divisão acima.

² Apesar de estabelecidas, tais definições não esgotam a totalidade das maneiras de se brincar o boi, pois existem grupos que escapam às características de cada um desses estilos.

³ Ver Padilha (2014), Carvalho (1982), Albernaz (2004)

⁴ Acervo Maracá

⁵ Martins (2015)

⁶ Ver mais em: <https://bit.ly/30yjrUG>

⁷ O termo “ciclo junino” é utilizado para se referir a atividades relacionadas ao ciclo do bumba meu boi como um todo, que acontecem ao longo do ano e não somente no mês de junho. A opção pelo termo junino busca apontar o momento do ano em que o ápice do ciclo ocorre, bem como para fazer referência aos principais santos que a manifestação se relaciona e cujas datas de devoção são no mês de junho: Santo Antônio(13), São João(24), São Pedro(29) e São Marçal(30).

⁸ Além do período compreendido entre final de maio e início julho, às atividades dos grupos e de seus integrantes tende a acontecer e em seus arredores - momentos como ensaios, confecção de instrumentos de indumentárias e morte do boi. Ao longo do ano, além do ciclo do bumba meu boi, outras festividades também acontecem, relacionadas, principalmente à manifestações como tambor de crioula e tambor de mina, o que também influencia nos deslocamentos de brincantes de bumba meu boi, que tendem a participar destas festividades também.